



Dimorfismo sexual pelo estudo da pelve, crânio e osso sacral em ossadas de brasileiros.

Graciele Dib Nunes Silva*; Larissa Padovan; Lucas Del Vigna P. Peixoto; Viviane Ulbricht; Cristhiane Martins Schmidt; Francisco C. Groppo; Luiz Francesquini Júnior.

Resumo

Estabelecer o dimorfismo sexual através de medidas lineares do osso pélvico, sacral e obtidas no crânio, em 200 ossadas existentes no Laboratório de Antropologia Física Forense Prof. Eduardo Daruge. Resultados: As medidas realizadas são dimórficas e foi possível gerar um modelo de regressão logística. O logito encontrado foi : $\text{Sexo} = -21.1 + (0.45 \times \text{Diâmetro vertical do acetábulo}) + (0.19 \times \text{Comprimento do forame obturado}) - (0.04 \times \text{Corda da incisura isquiática maior}) - (0.14 \times \text{média do bácio até o forame palatino maior})$. Valores maiores que 0,5 (cutoff) seriam considerado como masculino e menores como feminino. Conclusão: O método obteve um índice de acerto de 85,7%. Com este resultado será possível criar software específico para se determinar o sexo em ossadas no Brasil.

Palavras-chave:

Antropometria, determinação do sexo, Antropologia Forense

Introdução

Uma das grandes áreas de estudo e pesquisa da Odontologia e Medicina Legal é a identificação humana *post mortem*, o estudo se aplica em vários estágios dos fenômenos transformativos da morte: destrutivos e conservadores. Sendo a Antropometria o método secundário (Interpol 2014), o mais utilizável. Após se ter certeza de tratar-se de ossada humana (determinação da espécie animal) e não se tratar de estudos arqueológicos, faz-se mister na população brasileira, se verificar o sexo, a idade, e a estatura, nesta ordem. Em alguns estados brasileiros não se estuda a ancestralidade devido a grande miscigenação ocorrida durante a colonização até as datas atuais.

As características diferenciais entre ancestralidades, existem e devem ser conhecidas, pois, podem gerar erros quando da avaliação do dimorfismo sexual em indivíduos sem miscigenação (indivíduos em trânsito aéreo dentro do país provenientes de países com pouca ou nenhuma miscigenação).

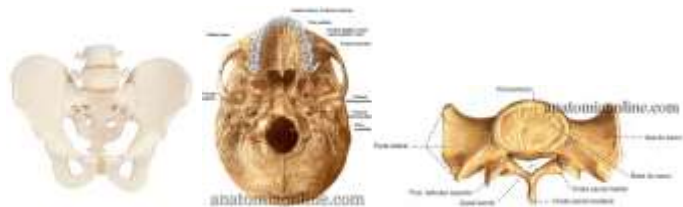
Pode-se afirmar que os ossos da pelve seguidos dos ossos do crânio são os que apresentam caracteres qualitativos e quantitativos (métricos) mais seguros para a determinação do gênero a que pertence uma determinada ossada (Comas 1957, Ávila 1959, Arbenz 1988, Coma 1999).

Resultados e Discussão

As medidas realizadas são dimórficas; Com as medidas realizadas foi possível fazer um modelo de regressão logística a partir da pelve e base do crânio. Valores maiores que 0,5 (cutoff) seriam considerados como "masculino" e menores como "feminino".

Logito DIB NUNES: $\text{Sexo} = -21.1 + (0.45 \times \text{Diâmetro vertical do acetábulo}) + (0.19 \times \text{Comprimento do forame obturado}) - (0.04 \times \text{Corda da incisura isquiática maior}) - (0.14 \times \text{média do bácio até o forame palatino maior})$.

A estatística do projeto foi feita pelo Prof. Dr. Francisco Carlos Groppo.



Medidas realizadas : diâmetro vertical do acetábulo; incisura isquiática, maior-medida da corda e medida da profundidade; comprimento e largura do forame obturado; incisura isquiática maior-medida da corda e medida da profundidade; distância ilíaca ântero-superior do tubérculo púbico; comprimento e largura da primeira vertebra sacra; largura superior do sacro; forame Incisivo-Forame Palatino maior; bácio- forame palatino maior

Conclusões

- Todas as medidas realizadas são dimórficas;
- Foi possível construir um modelo matemático para a determinação do sexo;
- O método resulta em 84,6% de sensibilidade, 86,3% de especificidade e 85,7% de acurácia, se mostrado, portanto, mais eficaz na sua predição do sexo do que o mero acerto ao acaso.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Livre Docente Luiz Francesquini Júnior, pelos seus conhecimentos a mim transmitidos, dedicação e paciência. Às minhas orientadoras, Dra. Cristhiane Schmidt e Dra. Viviane Ulbricht, pelos conselhos e carinho durante todo projeto. Aos amigos de turma Larissa Padovan e Vanessa Germano pois sem vocês tudo seria mais difícil.

- Comas J. Manual de Antropologia Física, México: Fondo de Cultura Econômica; 1957. 408-409.
- Ávila JB. Antropologia física, ed. MEDSI, 1959
- Arbenz 1988, Arbenz GO. Medicina legal e antropologia forense. Rio de Janeiro : Atheneu; 1988. p.229-268.
- Coma JMR. Epidemiology of human fascioliasis: a review and proposed new classification, 1999.